

REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA

TOMO XLVII - 2 - 1991

MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES

INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA FRANCESA  
NOS ESCRITOS FILOSÓFICOS DE ANTERO

FACULDADE DE FILOSOFIA

BRAGA — 1991

## INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA FRANCESA NOS ESCRITOS FILOSÓFICOS DE ANTERO (BREVE APONTAMENTO)

Antero de Quental, filósofo que tantas, tão diversas e repetidas vezes tem sido estudado por via das múltiplas influências que generosa, se não indisciplinadamente, foi acolhendo, persiste ainda relativa e cremos que injustamente esquecido no relacionamento que terá mantido com a filosofia francesa contemporânea. E se, na nossa reflexão, não cultivamos sintonias entre pensamentos de natureza distinta, também procuramos não ignorar proximidades que, por vezes sinuosamente, se estabelecem; se não nos comprazemos com falsas homonímias, procuramos no entanto reconhecer as similaridades de sentido.

A notória falta de interesse pela filosofia francesa por parte dos numerosos trabalhos que visam compreender e interpretar o pensamento filosófico de Antero, por este processo mediato que é o da elucidação das suas influências, deve-se a diferentes ordens de razão. Indicamos aqui apenas duas que nos parecem ser as mais determinantes. Referimo-nos primeiramente à maior receptividade do filósofo a tudo o que ele compreende por «germanismo», nomeadamente às virtualidades do idealismo alemão, o que se evidencia na sua reconhecida adesão inicial a Hegel, e também a Goethe e a Leibniz, Kant, Hartmann. Além disso, é Antero que afirma ter preferido entre os franceses aqueles «que mais se ressentem do espírito Além-Reno»<sup>1</sup>, o que induz o leitor a tacitamente negligenciar modos de pensar mais característicos de uma designada «filosofia francesa». Por outro lado, e referimo-nos já a um segundo aspecto, é mais uma vez o próprio Antero que desqualifica o que aponta ser a expressão contemporânea do pensamento filosófico francês: «o espiritualismo do século XIX», tendência, sem método nem direcção definida, «que nunca chegou a ser uma filosofia»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Carta autobiográfica a Wilhelm Storck de 14 de Maio de 1887 (Ponta Delgada), in *Obras Completas de Antero de Quental. Cartas II*. Universidade dos Açores, Editorial Comunicação, 1989, n.º 524, p. 834.

<sup>2</sup> Antero de Quental, «Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX», in *Obras Completas de Antero de Quental. Filosofia*, p. 138.



E, não obstante, traços que consideramos definidores da filosofia em França na segunda metade do século XIX encontramos-os também nos escritos de Antero<sup>3</sup>, sobretudo naqueles em que a índole filosófica do seu pensamento mais se acentua, como «Espontaneidade» (1866), «A Filosofia da Natureza dos Naturalistas» (1886), mas principalmente no período que antecede a sua morte, nas «Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX» (1889) e até com maior incidência na terceira e última parte deste texto<sup>4</sup>. Esses «traços» parecem poder sintetizar-se em três direcções fundamentais, cujo percurso, sem ser rectilíneo, se encontra frequentemente e caminha lado a lado, conduzindo, na amplitude da via que vai desenhando, à realização única que é a «filosofia de Antero». São eles: a prática irreprimível e cultivada de um eclectismo, na concepção da progressiva convergência de sistemas; a adesão a um espiritualismo, no ensejo de alcançar a unidade; e a adopção de um realismo como princípio e termo de toda a inteligibilidade autêntica.

## 1. Eclectismo

Apontar que a evolução do filosofar anterior ao foi progressivamente afastando da influência germânica não constitui novidade. Afirmar que o ecletismo é uma realidade marcante do seu pensamento, não restrita a qualquer período mas permanente, apenas destaca uma verdade ainda do conhecimento comum. Já pretender estabelecer uma proximidade entre o ecletismo anterior - então não apenas tomado como o entusiasmo juvenil e sequente acolhimento de teses diversas cuja conciliação nem sempre se vislumbra, mas como sistematização e conjugação de díspares perspectivas de reflexão que, assim, definiriam a filosofia do seu tempo -, e o eclectismo que dominou a França do século XIX, poderá ser uma diferente via, legítima e fecunda, de análise do pensamento de Antero. Mostrar que esse eclectismo anterior se vai

<sup>3</sup> Já Joel Serrão, na sua «introdução» alargada ao volume *Filosofia das Obras Completas de Antero de Quental*, afirma que a procura de Antero se encaminhou, «com autodidáctica autonomia, no sentido mais geral de tendência e alor espiritualistas dominantes no último quartel do século passado». E prossegue dizendo: «Contemporâneo de Boutroux, de Lachelier e de Bergson, encaminhara-se, como fora podendo, a partir do «peso» da herança hegeliana, pós-hegeliana e schopenhauriana, no sentido geral que as obras dos referidos pensadores franceses sugerem e indicam. E isso - releve-se - sem que seja detectável influência directa deles, com a autonomia que lhe fora sendo viável mas a partir de uma problemática comum à evolução da melhor filosofia ocidental coeva.», p. XLIV. Procuraremos justificar, nesta nossa breve reflexão, as sintonias reais entre Antero e os filósofos espiritualistas dos finais do século XIX francês.

<sup>4</sup> Omitimos aqui a referência a «Ensaio sobre as bases filosóficas da Moral ou Filosofia da Liberdade», trabalho inédito à morte de Antero e que, de acordo com a datação avançada como provável por Joel Serrão, deverá ser de 1875. Texto de índole filosófica, à semelhança dos outros acima mencionados, e em que também se pode assinalar à presença de um pensamento francês dos finais do século XIX, optámos por não lhe dedicar uma atenção directa neste nosso breve apontamento em virtude de os aspectos filosóficos de origem mais especificamente francesa se encontrarem, de um modo geral, nos escritos já indicados.

assumindo como uma filosofia de identidade própria<sup>5</sup>, como um «ecletismo superior» em que diversos modos de pensar dominantes vão confluindo, convergindo e harmonizando-se, poderá já conduzir-nos às reais influências que a filosofia francesa terá exercido sobre Antero.

É que a filosofia francesa não só se insinua no pensamento de Antero por força do eclectismo que ele irreprimivelmente pratica, mas é ela mesmo que excelentemente oferece um modelo eclético para o filosofar. Referimo-nos à Escola de Victor Cousin, designada pelo próprio de «eclética» (em 1817), e que em muito determinou a cultura francesa do século XIX, tendo certamente dominado o espírito universitário da época. Ora o eclectismo de Cousin (autor que Antero por vezes cita, fazendo-o então em termos elogiosos), espiritualista, personificador desse espiritualismo «que nunca chegou a ser uma filosofia», vem a contribuir para acentuar o afastamento de Antero em relação a Hegel, nomeadamente no que diz respeito à sua concepção de história, da história da filosofia.

Com efeito, Cousin foi um dos fortes incentivadores dos estudos sobre história da filosofia, tendo desenvolvido e apoiado notáveis trabalhos de investigação e promovido várias publicações, vindo ainda a marcar significativamente o pensamento de Charles de Rémusat, de Paul Janet, de Adolphe Franck entre outros, autores cujas obras, a par das de Cousin, se encontravam na biblioteca de Antero. Este terá, pois, tido oportunidade de se familiarizar com uma diferente concepção da história da filosofia que, partindo da posição de Hegel, aliás tal como acontecera consigo mesmo, a ultrapassa pela afirmação de que a sucessão dos sistemas filosóficos não corresponde ao autodesenvolvimento do Espírito absoluto mas sim de formas do espírito susceptíveis de regressão e indefinidamente repetíveis. Daí que Antero venha a dizer que «se não criam já novos sistemas, verdadeiramente originais e inteiriços»<sup>6</sup> (afirmação também condicionada pelo eclectismo dominante), mas que a filosofia se descreve nas grandes sínteses de pensamento que sucessiva e ciclicamente vão caracterizando as diferentes épocas históricas<sup>7</sup>. Ainda relativamente ao ecletismo de Cousin, e ao que dele importa para melhor compreender o filosofar de Antero e confirmar a sua receptividade à filosofia francesa do século XIX, importa destacar dois aspectos. Um primeiro, que anotamos como truísmo, o de que este eclectismo não se restringe à combinação de teses de pensadores franceses, mas que considera amplamente perspectivas propostas por Leibniz, Schelling, Hegel e outros (como, por exemplo, por uma filosofia escocesa). O que de facto vem a integrar e caracterizar a expressão da filosofia francesa do século XIX é a interpretação específica dominante que se faz de cada um daqueles pensadores, os aspectos particulares que neles se destacam ou se secundarizam, a

<sup>5</sup> Trata-se, então da «minha filosofia» (Carta a Wilhelm Storck, de 1887, in *Cartas*, II, n.º 524), da filosofia de Antero, da que lhe é própria ainda que não seja original pois, tal como também afirma, já não pode haver Filosofias originais» (Carta a Jaime Batalha Reis, de 1885, in *Cartas*, II, n.º 476).

<sup>6</sup> «Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX», p. 120.

<sup>7</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 120-122.



natureza das relações que entre eles se estabelecem. Aliás, esta é mais uma razão que contribui para o geral desconhecimento da presença desta filosofia francesa em Antero: o que pode parecer uma leitura original e ousada dos filósofos alemães, fruto do espírito criativo de Antero, será, em alguns casos, uma interpretação colhida em autores com formação eclética e espiritualista.

Apontemos, como exemplo, o realce atribuído à «ideia capital de força»<sup>8</sup>, capital - nas palavras de Antero - para a compreensão de uma perspectiva evolucionista, que ele próprio perfilha, bem como do sentido que atribui às noções de «realidade», de «espírito», de «espontaneidade», de «dialéctica»<sup>9</sup>.

Acolhida por Antero por intermédio da sua leitura de Leibniz, a ideia de «Força», enquanto viabilizadora da unidade do material e do espiritual (do mecanicismo com a teologia, do geometrismo com o dinamismo), corresponde já à acentuação de um aspecto que, a par do destaque concedido à afirmação da «actividade» como essência das coisas, é desenvolvido sobretudo pela filosofia francesa do século XIX, a qual, em alguns casos, chega a adquirir uma feição anti-intelectualista. Por outro lado, interessa ter presente que o eclectismo de Cousin não se afasta muito de um sincretismo, em que a combinação de teses diversas não só negligencia o significado mais profundo e autêntico da cada uma, mas as combina sem que um critério se torne evidente. Será Félix Ravaisson que, na esteira de Cousin, virá a exercitar o que comumente se designa por um «eclectismo superior», ou seja, um esforço de harmonização de teses diversas em função de um princípio superior, aí protagonizado pelo Espírito. No caso de Antero, o recurso a diferentes modos de pensar, distintos entre si também na origem e nos objectivos que os definem, é feito, regra geral, por ocasião dos seus comentários ou interpretações da história da filosofia. Não obstante, a tentativa de realizar uma síntese, entre as sucessivas perspectivas que vão sendo evocadas, é notória desde sempre, vindo-se mesmo progressivamente a acentuar à medida que o «espírito», enquanto força consciente e, neste caso, imanente, se vai evidenciando como concretizador da mais ampla unidade.

Será também Ravaisson, numa obra de síntese da filosofia francesa do século XIX - *La Philosophie en France au XIXème siècle. Rapport sur le prix Victor Cousin* (1867) - semelhante no propósito ao que as «Tendências» virão a ser, a vaticinar que a filosofia da sua época se irá desenvolver no sentido de um «positivismo espiritualista» que, brevemente, caracterizaremos como uma filosofia da consciência, da acção e do

concreto. Este espiritualismo realista de Ravaisson parece-nos passível de aproximação do que Antero virá a definir por «nosso espiritualismo»<sup>10</sup>, o qual, no entanto, se terá originariamente inspirado no denominado «novo espiritualismo» de Vacherot, sucedâneo ao protagonizado por Cousin.

## 2. Espiritualismo

A expressão «novo espiritualismo» é primeiro intencionalmente empregue por Étienne Vacherot, cujas obras mereceriam o apreço de Antero a julgar pela presença das mais representativas na sua biblioteca. Influenciado por Cousin e também ele eclético, Vacherot integra-se bem num período (primeiro quartel da segunda metade do século XIX) marcado pelo pensamento de Taine e de Renan<sup>11</sup>. O seu «novo espiritualismo», ao contrário do que posteriormente irá ser defendido por Ravaisson (e que vingará no segundo quartel da segunda metade do século XIX), cinde o real e o ideal (afirmando que o real não é ideal e negando o real como ideal), anula a transcendência (não obstante sobrepor uma metafísica ao naturalismo) e faz depender a existência de Deus da existência do homem (uma vez que Deus só existe para o ser pensante). Neste sentido é ele quem mais clara e definitivamente irá influenciar o espiritualismo de Antero, humanista e emancipado do transcendente. No entanto, Vacherot expõe-nos um pensamento cindido em duas partes que não chega a conciliar, enquanto Antero, cujo pensamento é igualmente dualista<sup>12</sup>, procura incessantemente novas e mais perfeitas formas de síntese.

Não obstante, cremos que os aspectos mais importantes que nos levam a afirmar a presença da filosofia francesa no pensamento anteriano, aqueles que mais genuinamente caracterizam esta filosofia no século XIX e que intervêm no pensamento de Antero, não se restringem às posições dos franceses germanistas ou de um espiritualismo renovado. Eles encontram-se, em parte, sistematizados pelo eclectismo superior de Ravaisson que o nosso Filósofo terá lido a par de outros autores que, de modos diversos, contribuem também para a consolidação do indicado «positivismo espiritualista»<sup>13</sup>, ou de outros ainda que, desenvolvendo diferentes perspectivas de pensamento, se vêm a tornar particularmente cultivados entre os franceses.

<sup>10</sup> «Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX», p. 155.

<sup>11</sup> Aliás, acrescente-se, são precisamente Taine, Renan e Vacherot, conjuntamente, e na medida em que comungam do positivismo de Comte e de Littré (em si mesmo pouco original) e do espírito do hegelianismo, vindo a integrar a metafísica no positivismo, que «nos dão - nas palavras de Antero - a filosofia do futuro» in «O futuro da música», *Filosofia*, p. 62, nota 7.

<sup>12</sup> Em «Ensaio sobre as bases filosóficas da Moral ou Filosofia da Liberdade» Antero sustenta a natureza dualista do pensamento humano ao considerar a antinomia que a ideia de ser encerra (Realidade e Absoluto) como «o dado primeiro da razão, o ponto preciso em que (seja pelo que for) o real e o ideal se tocam sem se confundirem» (*Filosofia*, p. 72). O fundamento desta antinomia é do domínio do incognoscível, está para além da capacidade humana, pelo que a filosofia toma, como ponto de partida efectivo, uma dualidade.

<sup>13</sup> Daí que não surpreendam as afinidades detectáveis entre Antero e Maurice Blondel ou Henri Bergson, expoentes máximos deste espiritualismo renovado que ganha vigor nas últimas décadas do século

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 168.

<sup>9</sup> «O mundo das ideias metafísicas reduz-se todo a 2 categorias: a de Absoluto e a de Força [...]». Na categoria de Força se contém todas as ideias que traduzem para o espírito a essência da realidade e que a explicam [...]. Por outro lado, todas as noções da realidade se vêm fundir na de Força. Quando dizemos movimento, fenómeno, etc., concebemos imediatamente uma Força, isto é, alguma coisa que por essência actua, se expande e manifesta, sem o que nem o movimento seria movimento, nem o fenómeno se produziria, etc. Estas ideias pois não são mais do que aspectos duma única ideia, a de Força.», «Ensaio sobre as bases filosóficas da moral ou Filosofia da Liberdade», in *Obras Completas de Antero de Quental. Filosofia*, p. 75. Com esta citação pretendemos evidenciar o destaque com que a noção de «Força» acolhida por Antero vem por ele a ser privilegiada.



Referimo-nos primeiramente a pensadores como Jules Lachelier (que, partindo de Kant e graças ao seu «método reflexivo», vem a mostrar na sua obra *Fondement de l'induction* que o princípio de finalidade é tão importante como o da causalidade, defendendo também a identidade das leis do pensamento e das leis do ser e afirmando que a certeza apenas se alcança se a realidade estiver no próprio pensamento consciente de si), Alfred Fouillée (cuja obra *La Liberté et le Déterminisme* Antero possuía na sua biblioteca, desenvolveu o que se designa por «evolucionismo das ideias-força» em que o evolucionismo parece mediar entre o naturalismo determinista e o positivismo espiritualista e também o contingencialismo) e Émile Boutroux (cuja tese de doutoramento, *De la Contingence des lois de la nature*, se encontrava também na biblioteca de Antero, vem evidenciar que o ponto de vista do entendimento não é definitivo no conhecimento das coisas, uma vez que o mundo manifesta um determinado grau de contingência verdadeiramente irredutível). Um dos aspectos comuns a estes pensadores, e que se vai igualmente reflectir em Antero, é o apreço que manifestam pelo positivismo (não apenas entendido no sentido comtiano, mas já também no sentido biraniano, no qual a legitimidade do «facto» se estende à realidade interior do sujeito) e o esforço de dele retirar o máximo contributo para a compreensão do real, o que se traduz numa observação atenta e fiel da experiência e num conhecimento geral e actualizado dos progressos das diversas ciências. Paralelamente, também em todos eles se afasta o risco de se tender para um mecanicismo naturalista, quer em virtude da referência constante à metafísica, que consideram indispensável por suprir as limitações próprias dos dados da experiência, quer à orientação para um espiritualismo, seja por via de uma abertura ao domínio religioso, à revelação, seja pelo apelo a uma vida moral, como no fim virá a acontecer com Antero.

Referimos aqui também Charles Renouvier e Louis Liard (presente na biblioteca anterior) e que foram igualmente do conhecimento do nosso Filósofo, tendo nele exercido alguma influência, quer sob uma perspectiva teórica pelo seu neocriticismo, quer sob uma perspectiva prática pela valorização da vida moral. Para além destas posições gerais comuns mencione-se ainda a refutação de Renouvier de um absoluto para além dos fenómenos e a sua atenção à pessoa humana concreta (categoria de personalidade), na esteira da sua defesa da liberdade contra o determinismo, pela opção do concreto frente ao abstracto, - ideal de que o homem livre se vai aproximando na história e por progresso moral; e a reflexão de Liard (mais próximo de Kant) sobre a distinção de princípio entre a ciência e a metafísica bem como a sua adopção de uma posição finalista de fácil ligação ao espiritualismo.

De notar que também estes últimos aspectos são assumidos pelo positivismo espiritualista, embora então sujeitos a diferentes contextualizações, e, sobretudo, que se integram igualmente no que Antero designa por «nosso espiritualismo»: perspectiva que reconhece o «espírito», enquanto força espontânea e consciente, como capaz de

propor a si mesmo o seu próprio fim, operando a identidade da causa eficiente e da causa final, e que, admitindo a oposição entre os seus vários momentos de desenvolvimento mas anulando toda a contradição, é capaz de realizar a unidade suprema. O que impede decisivamente uma ampla adesão de Antero ao espiritualismo metafísico francês do último quartel do século XIX e o mantém próximo do «novo espiritualismo» de Vacherot, bem como dos germanistas franceses, é a sua descoberta deste espiritualismo por aprofundamento da natureza humana, sem qualquer recurso a uma instância sobrenatural<sup>14</sup>.

### 3. Realismo

Todos os diversos aspectos que temos vindo a apresentar neste nosso breve apontamento confirmam, no seu conjunto, a real influência que a filosofia predominante em França nos finais do século XIX exerceu sobre Antero. Quer os elementos que referimos sob o título de «eclectismo», quer também os que reportámos ao «espiritualismo», detectam-se desde o período da formação intelectual do Filósofo. Porém, o que constitui fundamento determinante da tese que vimos defendendo evidencia-se mais na fase do seu amadurecimento, sobretudo - como já dissemos - nos seus últimos anos (sensivelmente de 1887 a 1891). Estes correspondem à época em que Antero ensaia uma apresentação sistemática da «sua filosofia», projecto de que virá a desistir mas não sem antes nos legar Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX - texto em que o seu pensamento mais se afasta do comentário e discursiva livremente numa expressão ousada que define a sua atenção aos dados positivos e o apreço pela interioridade, a exigência de uma fundamentação rigorosa da filosofia e o sentido espiritualista de aspiração moral do seu desenvolvimento.

São também estas características que mais aproximam Antero do perfil e dimensão que a filosofia francesa da segunda metade do século XIX adquire e que aqui, de uma forma algo simples e redutora, sintetizamos na sua natureza realista. Trata-se de um realismo *sui generis*, que parte de dados positivos e se orienta para uma metafísica, centrando-se na consciência. O «verdadeiro realismo - diz também Antero - constitui o saber total, ao mesmo tempo positivo e metafísico, experimental e especulativo, tomando o ser na sua unidade, da qual o espírito só arbitrariamente e violentamente pode ser amputado, e na ordem de desenvolvimento dos seus momentos, dos quais o espírito é o superior e típico.»<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Além disso, Antero nunca compreendeu este espiritualismo anunciado por Ravaisson e que efectivamente domina o último quartel do século XIX em França, o «positivismo espiritualista» ele não compreendeu o alcance dessa filosofia, nem reconheceu o rigor da sua reflexão. Antero desconhece, quer o apreço daquela tendência filosófica pela consciência enquanto seu ponto de partida efectivo e marca indelével da sua natureza positiva, quer a revalorização da metafísica para que se avança, não por um processo de abstrações sucessivas mas mantendo o apego ao singular, de modo que o ponto de chegada deste filosofar se revela como um universal concreto (percurso e termo diversos do hegeliano, na *Ciência da Lógica*). Em síntese, é neste contexto de incompreensão, ou melhor, de desconhecimento profundo e actualizado dos desenvolvimentos recentes de um espiritualismo renovado, que ocorre a crítica de Antero.

<sup>15</sup> «Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX», p. 158.

XIX e estende o seu domínio até às primeiras décadas do século XX, mas que, afinal, já vinha sendo protagonizado desde Maine de Biran.



Este realismo, que Antero vem a assumir plenamente no seu último texto, e em que afinal se sintetiza a influência que a filosofia francesa terá nele exercido, vinha sendo delineado desde o início da sua produção filosófica. Os aspectos que o caracterizam (os mesmos que identificam a presença da filosofia francesa no pensamento de Antero) foram sendo também progressivamente explanados ao longo daqueles seus estudos. Apontemos brevemente, porque de um breve apontamento se trata, os traços que vão desenhando o realismo anterioriano.

Começando por considerar «Espontaneidade» importa destacar: a exigência de combinação da metafísica e da experiência; o sentimento do concreto como necessidade da passagem das ideias à vida; muito particularmente, a valorização da consciência, não como «origem das primeiras concepções, das primeiras ideias», mas como «resultado», já antes dela se exercendo o espírito, se bem que de um modo ainda pouco preciso; e a concepção da própria espontaneidade como «lei dessa hora primeira do espírito»<sup>16</sup>.

Em «A filosofia da natureza dos naturalistas» temos a salientar alguns aspectos que, não sendo inéditos em Antero, adquirem agora um novo realce, e também alguns outros que aqui surgem efectivamente pela primeira vez. A necessidade de uma complementaridade entre a metafísica e a ciência e a valorização da consciência haviam já sido indicadas. Neste texto, porém, metafísica e ciência vêm a ser afirmadas como «duas séries convergentes», penetrando-se sem se fundirem, e encontrando-se na filosofia. Chamamos, pois, a atenção para o assinalável esforço do Filósofo em elevar a metafísica do descrédito geral que a assaltava. Deste modo se criam também as condições para o estreitamento de relações entre ciência e metafísica, o que neste texto se afirma constituir a base da «filosofia moderna» caracterizada como «materialismo idealista». Trata-se, com efeito, e mais uma vez, da tentativa de construir uma síntese a partir de modos diversos de perspectivar o real a fim de se atingir o seu mais pleno conhecimento - objectivo esse que virá a ser alcançado pela adopção da atitude realista. A consciência, por seu turno, é afirmada como um facto e os factos que ela própria apresenta são reconhecidos como «factos positivos culminantes», matéria integrante e indispensável à reflexão filosófica, e verdadeiro «critério filosófico». Desta sorte, as fronteiras da filosofia ampliam-se assinalavelmente e não apenas num sentido centrífugo, expandindo-se, o que se verifica na exigência de complementaridade da ciência e da metafísica na filosofia, mas também num sentido centrípeto, aprofundando-se ou intensificando-se, o que se evidencia na afirmação da consciência como o aspecto mais importante da realidade em que toda e qualquer síntese se torna possível.

Consequentemente, continua-se a insistir na necessidade, quer da adopção de uma perspectiva dinâmica e realista sobre a natureza, quer na consideração do real concreto e espontâneo. Além disso, também a noção de «evolução», que aqui constitui tema central, vem a implicar, tal como já acontecia com a de «espontaneidade» no texto anteriormente referido, uma concepção finalista de índole metafísica de que o espírito é tipo mas que se manifesta na consciência.

<sup>16</sup> «Espontaneidade», pp. 47-8.

Quanto a «Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX» optámos por incidir particularmente na sua terceira parte, aquela que, menos sistemática e elaborada, mais espontânea e variada, se afasta decisivamente do comentário da história da filosofia, que domina grande parte da produção filosófica de Antero (inclusive as duas primeiras partes deste seu último trabalho), e em que o Autor se revela mais genuinamente ele próprio. É então que Antero se mostra inequívoco na sua adesão ao que designa por um «espiritualismo renovado», no qual vem a reconhecer o «verdadeiro realismo». Partindo sempre da consciência, como «facto íntimo, inabalável e soberano» (mas distanciando-se da psicologia escocesa que, tal como critica, faz «ciência dessa voz do próprio sentimento íntimo» pela prática da observação directa), a realidade passa a ser interpretada sob esse ponto de vista privilegiado que não é outro, afinal, do que o próprio espírito - espontaneidade ou actividade imanente, que se percebe no íntimo do seu ser. Sob este ponto de vista sintético, ou melhor, unitário, a «construção puramente especulativa», a metafísica, e os «factos da experiência», a ciência, conciliam-se em prol do conhecimento, tal como todos os restantes contrários se harmonizam à luz de um fim superior. E eis no que consiste o realismo: harmonização dos opostos, não por anulação de qualquer um dos aspectos em confronto, mas pela sua articulação no desenrolar de um dinamismo psíquico e sob um ponto de vista superior - o espírito -, o único que permite a inteligibilidade plena (integral) e unitária do real.

As similitudes com o realismo francês são evidentes e as dissonâncias mais acentuadas que se vêm a verificar prendem-se - como já havíamos apontado - com a posição de recusa do transcendente assumida por Antero, contrária à dos espiritualistas franceses. Para além disso, muitos são os traços que testemunham a proximidade entre ambos, como sejam: o esforço de articulação dos contrários por via de um princípio activo imanente que, no caso anterioriano, é desempenhado pela espontaneidade<sup>17</sup>; a procura do sentido do concreto, por oposição à prática abstraccionista<sup>18</sup>; a tentativa de identificação do ideal e do real<sup>19</sup>; a importante distinção entre «causa» e «condição» para a compreensão dos antecedentes determinantes de cada facto subsequente<sup>20</sup>; a afirmação de que todo o desenvolvimento, correspondendo à realização da virtualidade infinita do ser - causa da evolução universal, se traduz num aumento de ser, na sua plenitude e perfeição progressiva<sup>21</sup>. Aliás, registam-se mesmo afirmações características de Ravaisson que, mais tarde, vêm a ser empregues por Antero, tais como «é pois o tipo superior que explica o inferior»<sup>22</sup> ou a de que «na espontaneidade inconsciente da

<sup>17</sup> «Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX», p. 158.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 162.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 161.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 159.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 162.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 163. Cf., Félix Ravaisson, *La Philosophie en France au XIXème siècle*, de 1884.



matéria está a raiz do que na consciência e na razão se chama verdadeiramente liberdade»<sup>23</sup>, não obstante poderem revelar uma significação precisa algo distinta<sup>24</sup>.

Esta influência da filosofia francesa sobre o pensamento de Antero vai, pois, ganhando expressão; porém, não sem que o idealismo alemão se mantenha ainda e sempre presente em algumas posições fundamentais como sejam a da afirmação de uma única lei suprema, a lei moral, na consciência humana (de inspiração kantiana), a compreensão do «ideal supremo para que tudo gravita» como razão ou a perfeita identificação do eu com a sua essência absoluta (de inspiração hegeliana). Em síntese, a real influência da filosofia francesa nos escritos filosóficos de Antero não é estruturante do seu modo de pensar. Além disso, ela também nem sempre se evidencia com carácter inequívoco nas diversas posições que Antero vai assumindo, antes se insinua aqui e ali, enriquecendo perspectivas, acentuando contornos, forçando orientações. Por isso se torna difícil, e muitas vezes também imprecisa, a identificação dos traços definidores daquela presença.

Relegando para estudos mais aprofundados uma reflexão centrada em cada um dos indícios reveladores da repercussão que a filosofia francesa do século XIX exerceu no pensamento anterior, para o que este breve texto terá procurado contribuir, concluímos sistematizando os traços largos por que aquela filosofia se manifesta na obra de Antero, os quais temos vindo a indicar consistirem fundamentalmente: no ecletismo, no espiritualismo e no realismo. Referimo-nos a um ecletismo de tipo superior que se estrutura a partir do ponto de vista superior do espírito; a um espiritualismo que acompanha a evolução da natureza de sentido finalista projectando-se para uma dimensão metafísica; a um realismo da consciência, da consciência humana, em que a natureza e o espírito convivem, o determinismo e a liberdade se harmonizam, a especulação e a prática se unem, a ciência e a filosofia se associam, a experiência e a razão se complementam, o materialismo e o idealismo se combinam, e tudo em prol de uma nova e autêntica visão do real.

MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 159. Cf., Félix Ravaisson, *De l'Habitude* de 1838, que traça todo um percurso que, na natureza, vai da espontaneidade à liberdade.

<sup>24</sup> Terminamos a referência a Ravaisson pela transcrição de um trecho de *La Philosophie en France au XIXème siècle* em que o autor profetiza a natureza futura da filosofia em França, na base dos seus então actuais desenvolvimentos: «A bien des signes il est donc permis de prévoir comme peu éloignée une époque philosophique dont le caractère général serait la prédominance de ce qu'on pourrait appeler un réalisme ou positivisme spiritualiste, ayant pour principe générateur la conscience que l'esprit prend en lui-même d'une existence dont il reconnaît que toute autre existence dérive et dépend, et qui n'est autre que son action» (p. 275). Neste sentido, Antero não deixa de ser um precursor, na medida em que, ao longo da sua obra, vai progressivamente cumprindo esse «realismo espiritualista» vaticinado por Ravaisson.

## Resumo

Antero nos seus escritos foi-se afastando progressivamente da influência germânica ficando a depender cada vez mais da filosofia francesa, embora não de maneira estruturante. Podemos reduzir a três os traços fundamentais dessa dependência: o *eclectismo*, de espírito superior, que se estrutura a partir do ponto de vista superior do espírito; o *espiritualismo* que acompanha a evolução da natureza de sentido finalista projectando-se para uma dimensão metafísica; o *realismo* da consciência - humana - em que a natureza e o espírito convivem, o espírito e a liberdade se harmonizam, a especulação e a prática se unem, a ciência e a filosofia se associam, a experiência e a razão se complementam, o materialismo e o idealismo se combinam, e tudo em prol de uma nova e autêntica visão do real.

## L'influence de la philosophie française dans les écrits philosophiques d'Antero (Breve annotation)

## Résumé

Antero, en ses écrits, n'a seulement souffert l'influence germanique mais aussi de plus en plus l'influence de la philosophie française, bien que non de façon structurante.

On peut réduire à trois les traces fondamentales de cette dépendance: l'*éclectisme*, d'esprit supérieur, qui se structure selon le point de vue supérieure de l'esprit; le *spiritualisme*, qui accompagne l'évolution de la nature de sens finaliste se projectant dans une dimension métaphysique; le *réalisme* de la conscience - humaine - où la nature et l'esprit convivent, l'esprit et la liberté s'harmonisent, la spéculation et la pratique s'unissent, la science et la philosophie s'associent, l'expérience et la raison se complètent, le matérialisme et l'idéalisme se combinent, et tout ça en faveur d'une nouvelle et authentique vision du réel.

## Influence of the French philosophy on the philosophical writings of Antero (Brief note)

## Abstract

In his writings, Antero has gradually freed himself from the German influence, and become more and more dependent on the French philosophy, although not in a structuring way. We may reduce to three the main aspects of this dependence: *eclecticism*, structured from the highest point of view of the spirit; *spiritualism*, which accompanies the evolution of nature, of a teleological kind, evolving towards a metaphysical dimension; *realism* of consciousness - human - in which nature and spirit go together, spirit and freedom are in harmony with each other, speculation and praxis are united, science and philosophy are associated, experience and reason complement each other, materialism and idealism are combined, all this leading to a new understanding of reality.